

# Chesky: sinônimo de evolução

*Algumas das inovações mais importantes nas técnicas de gravação saíram dos estúdios dessa gravadora em Nova York*



A Chesky foi a primeira a lançar CDs de alta resolução (HR) e DADs (DVDs contendo apenas música).



David Chesky era um músico de estúdio em Miami, tentando fazer decolar sua banda de rock. As dificuldades para atingir o sucesso somaram-se à frustração de nunca poder explorar as possibilidades técnicas de gravação que imaginava. David e seu irmão Norman decidiram então mudar para Nova York e tentar outro tipo de estratégia: por que não ter uma gravadora própria, onde pudessem colocar em prática aquelas idéias?

Foi assim que nasceu, em 1978, a Chesky Records, hoje reconhecida entre audiófilos do mundo inteiro como uma fonte permanente de inovações sonoras. De seus estúdios, administrados pessoalmente por David, saíram nos últimos vinte anos as primeiras gravações em CD de alta resolução, assim como as primeiras com frequência de amostragem de 128 vezes. Foram da Chesky também os primeiros discos DVD-A, ainda em 1999, então chamados DAD (Digital Audio Disc) – na verdade, eram discos DVD que só tocavam áudio e podiam ser ouvidos também em DVD players convencionais.

Agora mesmo, David Chesky está questionando os formatos DVD-Audio e SACD, que praticamente toda a indústria adotou, por causa do que considera limitações do processamento 5.1 canais para música. A Chesky lançou no início deste ano os primeiros discos com mixagem 6.0, abolindo portanto o canal central e também o canal de subwoofer (low frequency effects, ou LFE), pois David considera que esses dois recursos só têm sentido na reprodução de filmes. Para compensar, criou a mixagem "2/4/6", em que o ouvinte pode escolher se quer ouvir sua música em 2, 4 ou 6 canais, sendo que nesta última o efeito tridimensional é muito mais perceptível, segundo ele.

Se essa inovação vai pegar ou não, é algo para se confirmar no futuro. O certo é que quase tudo que a Chesky lançou até hoje acabou virando padrão na indústria.

Além de um grande conhecimento técnico, um fator que certamente contribuiu para esse prestígio foi o tratamento que a Chesky dá a seus contratados, geralmente músicos de alto nível mas que, por algum motivo, ficam sem espaço nas grandes gravadoras. A lista parece um "who's who" da música americana nas últimas duas décadas: o pianista McCoy Tyner, o sax-tenor e bandleader Joe Henderson, a cantora Peggy Lee (ambos falecidos recentemente), o trompetista Clark Terry, o cantor/guitarrista John Pizzarelli, o sax-tenor Phil Woods...

Podem-se acrescentar uma série de músicos não-americanos, especialmente latinos, todos de altíssima criatividade, que encontraram na Chesky o ambiente favorável negado por outros selos. Gente como os brasileiros Luis Bonfá (um dos pais da bossa-nova, também recém-falecido), Leny Andrade, Ana Caram e Badi Assad, os cubanos Paquito D'Rivera e Mongo Santamaria e o russo-americano Igor Kipnis. Todos eles fizeram grandes discos na Chesky e ajudaram a construir a imagem de gravadora de vanguarda.

"Queríamos atingir tanto os audiófilos quanto os grandes conhecedores de música", lembra Norman Chesky. "A idéia era contratar os melhores músicos e recriar em estúdio, usando a tecnologia mais avançada, o clima de suas performances ao vivo". O que então parecia um sonho inalcançável começou a virar realidade quando os dois irmãos arrendaram um velho estúdio abandonado da RCA, em Nova York, e se puseram a trabalhar. David recorda ainda que, naquela época, entrava num estúdio de uma grande gravadora e geralmente encontrava 50 microfones. "Não é assim que se toca ao vivo", pensou, e isso passou a ser a filosofia da nova empresa.

O primeiro trabalho que caiu nas mãos dos dois foi uma série de gravações do pianista clássico americano Earl Wild, com